

41º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

GT15 - Intelectuais, democracia e dilemas contemporâneos

**RAYMOND WILLIAMS: HISTÓRIA INTELLECTUAL INGLESA, CULTURA E
EDUCAÇÃO DE ADULTOS NO PÓS-GUERRA.**

Alexandro Henrique Paixão

Raymond Williams: história intelectual inglesa, cultura e educação de adultos no pós-guerra

Alexandro Henrique Paixão¹

*Aprender era uma experiência comum,
aprendíamos onde podíamos.*

Raymond Williams²

Em 1962, em um livro chamado *Britain in the Sixties: Communications*, Raymond Williams (1921-1988) reuniu parte de sua longa experiência na educação de adultos na Inglaterra, ressaltando um dos seus desafios: “If we are to be really arlet and independent, as in a democracy we ought to be, we have to look critically at the content and methods we are used to as well as those which we have decided are not our kind”.³ Essa busca por conteúdos e métodos críticos e o desafio de convertê-los numa experiência democrática fez parte da vida de Williams durante quinze anos enquanto foi tutor na educação de adultos inglesa. O desafio consistiu em tentar formar a classe trabalhadora com a expectativa de realizar uma sociedade mais democrática, educada e participativa. Mas, na verdade, sabemos, como contemporâneos de Williams, que essa experiência não se realizou completamente na Inglaterra e em nenhuma outra sociedade democrática até o momento. Antes, os dilemas, os desafios e as derrotas foram muitas, sendo que aquilo que Williams refletiu e repassou muitas vezes em sua vida e obra, de que “A experiência da derrota não diminui o valor da luta”, nós também temos experimentado. Porém, cabe-nos aqui não tratar da experiência da derrota, nem a dele, nem a nossa, mas de um dos sentidos da luta, algo que Raymond Williams enfatizou inúmeras vezes em seus trabalhos ao se perguntar como construir uma sociedade mais educada e participativa. A resposta está na educação de trabalhadores, algo que precisamos compreender.

A notável assertiva “A experiência da derrota não diminui o valor da luta”, foi anunciada em uma das entrevistas que ele concedeu aos companheiros da *New Left Review*, entre 1977 e 1978.⁴ Essa é a “estrutura de sentimento pessoal dentro da qual vivi de 1945

¹ Professor do Departamento de Ciências Sociais na Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação/UNICAMP; e-mail: ahpaihao@unicamp.br

² Raymond Williams. “A cultura é algo comum”. In: *Recursos da Esperança: cultura, democracia, socialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 6.

³ Raymond Williams. *Britain in the Sixties: Communications*. Harmondsworth, England: Penguin, 1966, p. 27.

⁴ Ver Raymond Williams. “Prefácio à edição brasileira...” e “Cambridge novamente”. In: *A política e as Letras*. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. VII e p. 49.

a 1951”,⁵ completa Williams, fazendo alusão a um período específico de sua vida pessoal e profissional: o regresso como estudante à Universidade de Cambridge, depois da Segunda Guerra, e o primeiro emprego como tutor na educação de adultos, dentro de um projeto da Universidade de Oxford realizado em parceria com a Workers’ Education Association (WEA) - organização assistencial fundada em 1903.⁶ É a experiência de Williams com a educação de adultos que pretendo investigar como um problema cultural no interior da história intelectual inglesa. Porque toda história intelectual é uma história cultural,⁷ algo que se constrói a partir de várias histórias particulares relacionadas entre si e com as formas de organização que elas ajudam a engendrar. A síntese é do próprio Raymond Williams, que também nos lembra, acerca da pesquisa histórica da cultura, que é obviamente necessário escolher algumas atividades e situações para se dar ênfase, embora o esforço do intérprete não seja isolar casos particulares, mas relacioná-los com a organização mais geral da sociedade.⁸ Nesses termos, a análise sociológica da cultura conta com a perspectiva da história da cultura para enfatizar a experiência inglesa da educação de adultos contada a partir da história particular de Raymond Williams.

A esse assunto tive acesso, pela primeira vez, após breve visita ao Richard Burton Archives, na Universidade de Swansea, no País de Gales, em viagem de pesquisa realizada em outubro de 2015.⁹ Nesse momento, entrei em contato com uma extensa documentação

⁵ Raymond Williams, *A Política e as Letras*, op. cit., p. 49.

⁶ Mais sobre a WEA está disponível em: <https://www.wea.org.uk/about-us>; acesso em Julho/2017.

⁷ Peter Burke, em seu livro *O que é a história cultural?* (2004), separa a história intelectual da história cultural dizendo que se trata de duas abordagens distintas, à medida que a história intelectual enfatiza as ideias ou sistemas de pensamento, enquanto a história cultural trabalha mais com mentalidades, suposições e sentimentos (Cf. Peter Burke. “Um novo paradigma”. In: *O que é história cultural?* 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 69. Da nossa parte, consideramos que tanto as ideias e sistemas de pensamento quanto as mentalidades, as suposições e os sentimentos fazem parte da cultura, de todo um modo de vida, que cabe à sociologia pensar com o aporte da história cultural.

⁸ Inspiro-me no seguinte excerto de *The Long Revolution*: “Obviously it is necessary, in exposition to select certain activities for emphasis, and it is entirely reasonable to trace particular lines of development in temporary isolation... Cultural history must be more than the sum of the particular forms of the whole organisation, that it is especially concerned... Analysis of particular works or institutions is, in this context, analysis of their essential kind of organization, the relationships which works or institutions embody as parts of the organizations as a whole.” Raymond Williams. “The analysis of culture”. In: *The Long Revolution*. Wales: Parthian, 2011, p. 67. Aqui e em outros momentos, optei pela não tradução, mas por preservar a língua original das citações extraídas dos livros em inglês, assim penso poder preservar as ideias do autor e colaborar para que o leitor possa por à prova meu argumento.

⁹ Pesquisa realizada com Auxílio à Pesquisa FAPESP (Processo nº 2014/12370-0), concluído em 30 de novembro de 2016. Vale indicar que pesquisei dois autores nesse projeto e um estudo de caso. O estudo de caso se referia ao Liceu Literário Português (1868-1968), entendido como um dos primeiros projetos educacionais para adultos no Brasil Imperial. Quanto aos autores estudados, além de Williams, trabalhei com a obra de Antonio Candido. Busquei compreender como o conceito eminentemente sociológico de público era mobilizado pelos dois críticos, um galês, um brasileiro. Não para compará-los, a despeito das características em comum: nasceram quase na mesma época, apesar de que em países distintos, e tiveram

sobre a vida e a obra de Raymond Williams, em particular, com um farto material sobre a juventude do autor, na época em que trabalhou como “Staff Tutor”, sob a jurisdição de Oxford, em Sussex. O material – cursos, aulas, entrevistas, métodos de ensino, escritos sobre a educação para adultos e um periódico, – produzido entre os anos de 1946 e 1961, resume parte da obra de Williams dedicada ao estudo de cultura e educação, algo muito pouco divulgado em estudos na nossa língua, carecendo, portanto, de reflexão.

Uma recepção de Williams no Brasil e a formulação de novos problemas

Sobre a recepção de Williams no Brasil, um dos marcos iniciais é a tradução de *Cultura e Sociedade* pela Companhia Editora Nacional, em 1969, seguido de *Marxismo e Literatura*, traduzido pela Zahar Editores, em 1979. Depois disso, após algumas décadas, convém destacar o primeiro e mais dedicado estudo comentado sobre o autor galês: *Para ler Raymond Williams* (2000), de Maria Elisa Cevasco, vai produzir, a partir do cenário universitário uspiano, mais do que um livro sobre a crítica cultural materialista de Williams, vai criar um espaço para disputa intelectual, uma vez que o trabalho busca inaugurar tanto um campo de estudos sobre a vida e a obra do autor no país quanto instaurar um debate epistemológico e político entre os estudos literários e estudos culturais.¹⁰ Somam-se a isso o livro de André Glaser, *Raymond Williams: materialismo cultural* (2011) e suas traduções realizadas pela Editora Unesp.¹¹ No campo editorial, destaca-se

obras coetâneas interessadas em um dos problemas específicos de literatura e sociedade: a formação de públicos leitores. Tal conceito eminentemente sociológico levou ambos a se envolverem com diferentes setores de suas respectivas sociedades e a realizar diversas análises de cultura e sociedade entre o século XIX e o século XX. No caso de Candido, o enfoque foi seus estudos sobre o século XIX brasileiro e a forma como constrói a tese da “incultura geral” nacional, algo que busquei repensar através da releitura de sua obra e novas fontes históricas pesquisadas, como as que encontrei sobre o Liceu Português e que me permitiram reabrir o debate da “penúria cultural” brasileira. Dentro disso, faltou aprofundar a pesquisa sobre Williams e um estudo de caso. Por isso, dei início a novos trabalhos sobre o autor galês e a educação de adultos no pós-guerra, apoiado por um novo Auxílio à Pesquisa FAPESP (Processo nº 17/02063-0) em andamento. O título do projeto é *Raymond Williams: crítica e crise como elementos constitutivos de cultura e educação no pós-guerra (1946-1961)*, cujo texto ampliei e reorientei, após acesso a novas fontes, visando elaborar este paper em forma de um primeiro resultado do trabalho.

¹⁰ Além de *Para ler Raymond Williams*, São Paulo: Paz e Terra, 2001, são referências outros trabalhos: “Momentos da crítica cultural materialista”. In: *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, número 12, janeiro-junho/2005; “Sociologia de la Literatura”. In: Carlos Altamirano (Org.). *Terminos Criticos de Sociologia de la Cultura*, Buenos Aires: Paidós, 2002, v. 1, p. 161-169; “Dois críticos literários”. In: Benjamin Abdala Junior (Org.), *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004, pp. 144-145 e *Dez lições sobre os estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

¹¹ Da Editora Unesp, *Cultura e Materialismo* (2011); *Política do Modernismo* (2011); *A Política e as Letras* (2013) e *A Produção Social da Escrita* (2014). Sobre o livro *Recursos da Esperança* (2015), traduzido pela mesma editora, esse recebeu a tradução de Nair Fonseca e João Alexandre Peschanski.

também as traduções das editoras Boitempo, Companhia das Letras e Cosac Naify.¹² E, mais uma vez, em espaços acadêmicos (ou, talvez, não), merecem destaque os artigos de Paul Filmer vertidos para a língua portuguesa¹³ e, mais recentemente, um dossiê da *Revista Cult* (nº 217, Outubro/2016), dedicado a apresentar Williams na chamada “Linhagem do Marxismo Ocidental”. Inclusive tal dossiê, produzido por pesquisadores e professores de universidades renomadas dentro e fora do Brasil para um público mais amplo - porque não se trata de uma revista acadêmica -, parece revelar não apenas a crescente popularidade de Williams dentro de um cenário nacional, mas os investimentos dos centros de pesquisa e de um mercado editorial nesse intérprete da cultura.

Vale mencionar que todos esses trabalhos de interpretação e publicização da vida e da obra de Raymond Williams em terras brasileiras compartilham do desafio de expor as ideias do autor acerca do problema de “cultura e sociedade”. Esse conhecido binômio aparece refratado em seus livros de crítica literária e teoria - que combina leitura e interpretação de texto e sociologia da literatura, como em *The Country and the City* (1973);¹⁴ nos ensaios de cultura, comunicação e política, como *Culture and Society: 1780-1950* (1958);¹⁵ e nas obras de ficção, como *Border Country* (1960).¹⁶ É importante destacar que Williams, ao lado de intelectuais ingleses como Edward Thompson (1924-1993), Richard Hoggart (1918-2014), Stuart Hall (1932-2014), entre outros, deu origem também aos chamados “estudos culturais”, visto como uma nova disciplina que se desenvolveu no Reino Unido, expandindo-se depois para os Estados Unidos e outros lugares do mundo, com destaque para o Brasil.¹⁷

Assim, constata-se que, nos últimos quarenta anos, no Brasil, Williams tem sido divulgado no campo da história intelectual, da teoria literária, da sociologia da cultura (com

¹² Da Editora Boitempo: *Palavras-Chave* (2007) e *Televisão* (2016), em parceria com a Editora PUC Minas; da Cia das Letras: *O Campo e a Cidade* (1989) e *O Campo e a Cidade* [Edição de Bolso (2011)] e *O Povo das Montanhas Negras* (1991); da CosacNaify: *Tragédia Moderna* (2002) e *Drama em Cena* (2010).

¹³ Paul Filmer. “A estrutura de sentimento e das formações sócio-culturais: o sentido de literatura e de experiência para a sociologia da cultura de Raymond Williams” [tradução: Leila Curi Rodrigues Olivi]. In: *Revista Estudos de Sociologia*. FCL:UNESP-Araquara, v.14, nº 27, 2º semestre de 2009.

¹⁴ Raymond Williams. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. 2ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

¹⁵ Raymond Williams. *Culture and Society: 1780-1950*. New York: Columbia University Press, 1983.

¹⁶ Raymond Williams. *Border Country*, London: Chatto & Windus, 1960.

¹⁷ Como exemplo dessa expansão e influência, cito a criação do mestrado acadêmico em “estudos culturais” pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP. Disponível em: <http://www5.each.usp.br/mestrado-academico-em-estudos-culturais/>; acesso em Julho/2017. Para uma síntese da criação da disciplina “Estudos Culturais” na Inglaterra, ver o ensaio do próprio Williams, “O futuro dos estudos culturais”. In: *Política do modernismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011; ainda sobre a disciplina, ver Maria Elisa Cevalco, *Dez lições sobre os estudos culturais*, op. cit., p. 2003.

destaque para a literatura), dos estudos culturais, da comunicação e da política. Na verdade, é na pesquisa de ciências sociais na educação, dentro do eixo história dos intelectuais, cultura e educação, que encontramos uma situação peculiar de pouca difusão. Peculiar, porque embora existam esforços de alguns professores na área de ensino e pesquisa dentro das universidades brasileiras,¹⁸ os escritos e cursos da juventude do autor galês dedicados à educação de adultos ainda aguardam maior publicização em língua portuguesa.

Portanto, apesar de haver investidas dos intérpretes supracitados, e também algumas traduções, como a do conjunto de entrevistas que Williams deu à *New Left Review*, em que se destaca uma parte intitulada “Educação para Adultos”;¹⁹ mesmo que haja comentários dispersos sobre os escritos de educação de Williams, como os de Marco Schneider, em seu ensaio sobre as teorias da comunicação publicado na *Revista Cult*, comparando Williams a Paulo Freire;²⁰ ainda que dissertações e teses existentes²¹ ou estudos renomados, como o de Maria Elisa Cevasco, já tenham efetuado um extenso e dedicado trabalho de recepção de Williams no Brasil, formando e/ou influenciando novas gerações de leitores e estudiosos do autor; ainda assim, todos esses trabalhos advindos dos campos da história,

¹⁸ Além dos trabalhos já mencionados de Maria Elisa Cevasco (USP) e de André Glaser (UALBERTA), merecem destaque as pesquisas dentro do campo dos estudos culturais de Eliane Veras (UFPE) e de Adelia Miglievich-Ribeiro (UFPE). Cito também os trabalhos de: Heloísa Pontes (UNICAMP), em *Destinos Mistos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 e no artigo “Círculos de intelectuais e experiência social”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 12, n. 34, 1997. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_04.htm; acesso em agosto/2017; Carmem Sylvia Vidigal Moraes (USP), em “Educação permanente: direito de cidadania, responsabilidade do Estado”. In: *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 4 n. 2, p. 395-416, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v4n2/11.pdf>; acesso em Julho/2017; e *Educação de trabalhadores por trabalhadores*. São Paulo: Martins Fontes, 2014; Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (UFMG), “Pensando a História da Educação com Raymond Williams”. In: *Educação e Realidade*. v. 39, n. 1, 2014. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/30236>; acesso em Julho/2017; Sônia Maria da Silva Araújo (UFPA) e João Colares de Mota Neto, “Raymond Williams e a produção do conhecimento em educação”. In: *Educação & Linguagem*, vol. 15, n. 26, jul.dez/2012, pp. 118-136. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/3487>; acesso em Julho/2017; no campo do ensino, além do Mestrado em Estudos Culturais na USP, destaco apenas as disciplinas de graduação e pós-graduação sobre Williams ministradas na Unicamp, como “Seminário Avançado I e II” e “Tópicos de Ciências Sociais aplicadas à Educação” (Faculdade de Educação) e “Tópicos Especiais de Sociologia” (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas).

¹⁹ Raymond Williams, “Educação para Adultos”. In: *A Política e as Letras*, op. cit., pp. 67-72.

²⁰ Outros autores já fizeram essa aproximação, mas merece destaque aqui o ensaio de Michael W. Apple (2008) que é dedicado à educação de adultos em Williams, mas toma como ponto de partida Paulo Freire. Ver Michael W. Apple, “Raymond Williams and Root of Critical Cultural Studies in Education: Na Essay Review”. In: *Education Review*. Vol. 11, n. 6. 2008, September 17. Disponível em: <http://edrev.asu.edu/essays/v11n6index.html>; acesso em Julho/2017.

²¹ Uma rápida pesquisa nos acervos on-line das universidades públicas brasileiras é suficiente para identificarmos o interesse pela obra de Williams. Como não há espaço para arrolar todos os trabalhos aqui, cito apenas dois exemplos de pesquisas dentro de um arco temporal que envolve os últimos seis anos: as dissertações de Raquel Cantarelli Vieira da Cunha, *Os Conceitos de Cultura e Comunicação em Raymond Williams* (UNB, 2010) e de Ugo Rivetti. *Crítica e modernidade em Raymond Williams* (USP, 2016).

literatura, sociologia e comunicação etc., tomam o assunto da educação como um suplemento das discussões de cultura e comunicação, materialismo cultural, marxismo e literatura. Logo, o tema da educação de adultos (ou simplesmente educação) compõe muito pouco o conjunto principal da obra desses pesquisadores, o que é um problema. Como disse Edward Thompson, parceiro de Williams e, até certa época, educador de adultos: “a história não é simplesmente algo que nos vem à lembrança com extrema facilidade quando se trata do movimento de educação de adultos.”²² Essa é uma história que precisa ser contada através de novas pesquisas que combinem intelectuais, cultura e educação dentro das ciências sociais.

Reitero que tomei conhecimento da existência de documentos sobre Williams e a educação de adultos, para além daquilo que apresenta a *New Left Review* e alguns estudos brasileiros supracitados, numa visita à Universidade de Swansea. Naquele momento, impulsionado por outro projeto de pesquisa já concluído, visitei dois arquivos, um na Inglaterra, outro no País de Gales, para reunir materiais teórico-metodológicos a fim de refletir sobre o conceito de “público” que estaria presente na obra de Williams, conforme os problemas de pesquisa trabalhados na ocasião. Embora meu interesse fosse outro, concluí que a noção de público estava sempre associada à publicidade, à comunicação, a um passo do problema da educação. Isso me levou a buscar alguns textos de Williams sobre educação de adultos, sobretudo seu curso intitulado “Public Expression”. Por um lado, esse curso não me ajudava com as definições do conceito de público que eu almejava, por outro, oferecia novas fontes e novos problemas de pesquisa.

“Public Expression” é, na verdade, apenas um dos exemplos de cursos e aulas dedicados ao ensino de literatura para adultos, que se desdobram em uma crítica sociologicamente orientada. Alguns desses trabalhos foram reunidos pelo próprio Williams em um livro intitulado *Reading and Criticism* (1948), que ainda não recebeu edição brasileira, embora o leitor possa encontrar um debate sobre o assunto num dos capítulos traduzidos de *A Política e as Letras*.²³

Para termos uma dimensão mais concreta do que estou indicando sobre o material disponível no acervo galês, apresentarei uma listagem de vinte e nove documentos

²² Edward Thompson. “Educação e experiência”. In: *Os românticos*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002, p. 39.

²³ Ver Raymond Williams. “Reading and Criticism”. In: *A Política e as Letras*, op. cit., pp. 235-240. Existe também uma versão em espanhol do mesmo livro: Raymond Williams. *Lectura y crítica*. 1ª ed. Buenos Aires: EGodot Argentina, 2013.

identificados no arquivo, mas que ainda estão sendo analisados e interpretados: dez dos textos abaixo indicados e acrescidos de asterisco (*) encontram-se irregularmente disponíveis na internet (em sites diversos em “pdf”), sendo que o restante do material pode ser acessado apenas *in-loco*:

- | | |
|-----|---|
| 1. | (*) “Some experiments in Literature Teaching” – Rewley House – Papers Vol 2 1948-1948 |
| 2. | (*) “Literature in relation to History” - Rewley H. P. No 3 1949-50 |
| 3. | “Abandoning the Lecture the teaching of Public Expression” – The Highway April 1953 |
| 4. | (*) “Text and Context” – Tutors Bulletin c1953 |
| 5. | (*) “Film as Tutorial subject” – Rewlwy H. P. 1953 |
| 6. | “Democracy or Meritocracy” – Guardian Review Oct. 30 1958 |
| 7. | “Language and Prejudice” – Forum 33 1959 |
| 8. | (*) “Going on Learning” – New Statesman 1959 |
| 9. | “Abandoning the Lecture: Discussion Method for the Adult Literature Class”, 1950 – [fonte não identificada] |
| 10. | “An Educated Democracy”, s/d. [fonte não identificada] |
| 11. | “The Illusion of Stability” – Education May 1 1959 |
| 12. | “Strictly Personal” – Education Mar. 4 1960 |
| 13. | (*) “The Press and Popular Education” – Lecture Belgium |
| 14. | (*) “The Roots of Education” – Guardian Ap 14 1960 |
| 15. | “Three Quarters of a Nation” – New Statesman Mar. 3. 1961 |
| 16. | “Address to Tutors” – W. E. A pamphlet c 1961 |
| 17. | “The Common Good” – Adult Education Nov. 1961 |
| 18. | (*) “Sensible People” – New Statesman Review 5 Jan 62 |
| 19. | “The Bright and the Good” – The Teacher May 3 1963. |
| 20. | “The Dickens Argument” – Guardian review Nov 22 1963 |
| 21. | “The Struggle for Literacy” – W. E. A. News Jan 1965 |
| 22. | “Conservation Values” – Guardian review April 23 1965 |
| 23. | (*) “Different Sides of the Wall” – Guardian 1968 |
| 24. | “Developing What?” - Guardian review Dec 27 1973 |
| 25. | “French Connection” – New Society May 5 1977 |
| 26. | “The Rise of the Careerist Intelligentsia” – New Society r. May 21 1981 |
| 27. | “Making it Active (discussion K. Warpole)” – English Mag. 1 1979 |
| 28. | “The Culture of Politics” – Nation (USA) Jan 3 1959 |
| 29. | (*) “The Teaching of Public Expression” – The High April 1953 |

Alguns desses trabalhos foram objeto de estudo do livro de John McIlroy e Sallie Westwood, *Border Country: Raymond Williams in Adult Education* (1993),²⁴ que é o estudo mais completo em língua inglesa sobre Williams e educação de adultos. A biografia de Dai Smith, *Raymond Williams: A Warrior's Tale* (2008), também se valeu desses e de outros escritos sobre Williams e suas análises de educação e sociedade. Poucos estudos brasileiros – salvo os de Maria Elisa Cevasco e André Glaser, eles mesmos inscritos no campo dos estudos de língua inglesa e na crítica cultural materialista – se aventuraram a

²⁴ Ver John MacIlroy and Sallie Westwood. *Border Country: Raymond Williams in Adult Education*. England and Wales: National Institute of Adult Continuing Education, 1993. Existe uma tradução para o espanhol: *En la frontera: Raymond Williams en la Educación Y Formación de Personas Adultas*. Xátiva: L'Ullal, 2004.

traçar mais detidamente esse universo da educação do autor galês e que coincide com seus anos de juventude e que é, portanto, constitutivo de sua história intelectual.

Nesse sentido, existe uma lacuna no Brasil acerca dos estudos de educação de adultos a partir de Williams. Mas não somente isso, os próprios estudos literários, os de história dos intelectuais e sociológicos da cultura no Brasil não deram muita atenção a este farto material de ensino de literatura e crítica sociológica para adultos, que Williams produziu ao longo de quinze anos. Ignoraram, inclusive, que tais cursos serviram de base para o autor gestar obras importantes, como *Culture and Society* (1958) e *The Long Revolution* (1961).

Partindo dessas primeiras ponderações - que buscaram situar esta pesquisa no contexto dos estudos existentes sobre Raymond Williams no Brasil, bem como quais são os objetivos deste trabalho -, passo agora a uma exposição, ainda que parcial e esquemática, do objeto de estudo e das proposições que compõem este estudo. Pensando nisso - e também no “GT 15: Intelectuais, democracia e dilemas contemporâneos” -, escolhi comentar somente três dos vinte nove textos supracitados (os de n. 8, 9 e 10).²⁵ Estes, na verdade – **(8)** “Going on Learning” – New Statesman 1959; **(9)** “Abandoning the Lecture: Discussion Method for the Adult Literature Class”, 1950 – [fonte não identificada] e **(10)** “An Educated Democracy”, s/d. [fonte não identificada] – e não outros, porque nos inserem diretamente na discussão da educação democrática, ajudando-nos a aquilatar os problemas iniciais apresentados até aqui.

Assim, meus próximos passos visam apresentar alguns métodos de estudos para adultos de Williams e recuperar em seguida passagens de livros seus que são bastante conhecidos dos leitores: *Culture and Society*, *The Long Revolution*, *Communications*, *Keywords*, *Resources of Hope*, *The Country and City* e *Politics of Modernism*. Aproximarei tais escritos a algumas informações extraídas da *New Left Review* e a fragmentos de textos e anotações que recolhi e registrei na visita ao arquivo em Swansea. Por fim, associo este conjunto com os três textos supracitados (n. 8, 9 e 10), que combinados deverão apresentar, de um lado, a questão da educação de adultos como um projeto político-intelectual de Raymond Williams, de outro, como consequência do desenvolvimento da própria democracia inglesa.

²⁵ Trata-se de um texto disponível on-line (n. 8) e outros dois (n. 9 e 10) que tive acesso durante a pesquisa em Gales.

Significa que aqui irei aproximar duas gerações de escritos: da juventude e maturidade, do tutor de adultos ao futuro professor de Cambridge. Isso implica o reconhecimento de um arco temporal que vai de 1946 a 1961, valendo a nota biobibliográfica de que no início da década de 1960 Williams publica duas das obras que estamos analisando, *The Long Revolution* (1961) e *Communications* (1962), e assume o posto de professor de Artes Dramáticas na Universidade de Cambridge. Nestes quinze anos, ele se ocupou do tema da educação democrática, mas também de outros assuntos, incluindo a discussão da cultura, ora como professor de adultos, ora como professor universitário. Mas seu itinerário na universidade inglesa não será assunto agora neste trabalho, antes os escritos que publicou enquanto professor de adultos e a forma como esses textos engendraram obras conhecidas de Williams é o que interessa, na tentativa de reconstruir parte de uma história intelectual particular.

Métodos de ensino para uma democracia educada e participativa

Apresento em passos rápidos um programa de estudos (“Syllabus”) que Williams elaborou para ministrar nas aulas para adultos entre 1950 e 1951. O curso traz o mesmo título do que veio a ser seu livro principal oito anos depois:

“CULTURE AND SOCIETY

- A. The nature of culture. The nature of environment. Theory and practice in English culture since the Industrial Revolution.
 - B. Word functions: the problem of exact language. Bacon’s ideas of language, and the “dissociation of sensibility”. Work on practical examples.
 - C. Extension of word discipline to examine certain cultural institutions:
 1. ADVERTISING. The technique of producing irrational beliefs. Advertising responses and cultural responses.
 2. NEWSPAPERS. Development of the modern press (since 1881); purposes, methods, and values in the contemporary newspaper. “Freedom” of the press.
 3. CINEMA. The special circumstances of film-going, the effect of these on cultural values which depend on consciousness.
 4. THEATRE. The naturalist idea. Distinction between drama and acting.
 5. FICTION. As a business. Best-sellers, book societies, and reviewers. Analysis of selected extracts.
 6. RADIO. The problem of response to a mechanical institution. Methods.
 7. POLITICS. Analysis of speeches and debates.
- Any common factors?”

O leitor familiarizado com a obra de Williams é capaz de identificar, rapidamente, nesses tópicos do programa de estudos, questões centrais que irão definir seus futuros

trabalhos a partir de 1958, quando publica *Culture and Society*. Contudo, aqui, anos antes, o jovem Williams já se ocupava em construir tópicos que levassem os adultos-estudantes a refletir sobre: cultura; linguagem; imprensa; consumo; industrialização; liberdade de expressão (ou melhor, democracia).

O princípio da crítica da cultura é o que parece reger esse programa de estudos e os diferentes assuntos arrolados. Leia-se, por ora, crítica como um conjunto de respostas obtidas através da análise e interpretação de ideias e valores que marcaram determinadas sociedades em constantes mudanças (de Bacon, passando pela Revolução Industrial até o advento dos meios de comunicação contemporâneos, como o cinema). Toda crítica nasce do reconhecimento dessas mudanças, do conjunto de experiências acumuladas do passado ao presente, é algo que aparenta sintetizar tais tópicos desse programa de estudos. Já a pergunta “Any common factors?” não é apenas uma simples interrogação: buscar elementos em comum aos diferentes fatores apresentados é decisivo para Williams. Perguntar a respeito dos fatores em comum parece o prenúncio de uma inquietação que é constante em toda sua obra: de *Culture and Society* (1958) ao póstumo *Resources of Hope: Culture, Democracy, Socialism* (1989);²⁶ entender o que é “comum”, uma cultura em comum, uma experiência em comum, ordinária e reciprocamente compartilhada, é o que anseia Williams. Compreender o que é comum a diferentes fatores e às formas de organização social parece ser o que nos proporciona o exercício crítico. É através da crítica, portanto, que somos capazes de aprender e aceitar os velhos e novos modos de pensar e sentir, as velhas e novas relações sociais e suas formas de organização engendradas. Tudo o que tece a cultura, como um todo mais dinâmico da sociedade, conforme discute Williams em sua obra capital, *Culture and Society*. Como vemos, o exercício da crítica é fundamental para compreendermos nossa cultura e sociedade, sobretudo em tempos de crise.

O assunto pede um enquadramento daquilo que Williams apresenta nos momentos finais de *Culture and Society*: “The human crisis is always a crisis of understanding: what we genuinely understand we can do”.²⁷ O que os leitores, talvez, não saibam, sobretudo os leitores brasileiros, é que a tese da “crise de compreensão” - da compreensão que é necessária para a ação -, já tinha sido esboçada nos escritos de juventude, e não somente

²⁶ Raymond Williams, *Recursos da esperança*, op. cit., 2015.

²⁷ Raymond Williams, “Conclusion”. In: *Culture and Society*, op. cit., p. 338.

em livros recepcionados e consagrados pela crítica, como *The Long Revolution*, em que o tema da crítica e crise persiste e é sintetizado já no início do livro: “[...] it is a genuine crisis of consciousness, and anybody concerned with his own life and the life of his society, in this process of general change, must obviously do what he can to try to resolve and clarify”.²⁸

Sofremos de uma crise de consciência, de uma crise teórica e também (e ao mesmo tempo) de aprendizagem.²⁹ Essa crise é, entre outras coisas, sintoma dos problemas e dilemas da comunicação, que deve ser compreendida como extensão do desenvolvimento da democracia. A expansão da comunicação coincide com “a mudança da natureza do trabalho e da educação”, gerando novas oportunidades sociais e alguns desafios para a classe trabalhadora, que, por sua vez, não tem acesso a todos os meios disponíveis ou simplesmente não conseguem compartilhar experiências em comum. Na verdade, como dizia Richard Hoggart, que também era professor nas classes de adultos, o problema nem é tanto por falta de informação, mas a falta de capacidade de lidar ou compreender estas informações comunicadas.³⁰

Retomando: em *Communications*, Williams afirma que a luta para aprender, descrever, compreender, educar, é uma parte central e necessária para o desenvolvimento da nossa humanidade. Logo, um dos dilemas da sociedade democrática é fazer uso da comunicação não para controle político ou lucro comercial, mas para expandir as capacidades dos homens de aprender e trocar ideias e experiências, algo que não tem acontecido. Uma das crises e dilemas do pós-guerra é, de um lado, vermos progredir em larga escala os meios de comunicação, enquanto, de outro, os homens e mulheres,

²⁸ Raymond Williams, “Introduction”. In: *The Long Revolution*, op. cit., p. 13.

²⁹ Acerca da crise teórica ou necessidade de novas teorias, Williams sintetizou o ponto numa palestra ministrada em Oxford, no Cross St. Building, em 1986, intitulada “Os usos da teoria da cultura”. In: *Política do Modernismo: contra os novos conformistas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, pp. 189-209. Anos antes, a mesma questão aparece em *Marxism and Literature* (1977). Após isso, isto é, depois das investidas de Williams, dentro da linhagem do marxismo ocidental, convém destacar, entre muitos, o que Fredric Jameson indagou inúmeras vezes sobre a necessidade de uma nova *theory*, assunto que ele problematizou em vários escritos, como em *Ideologies of Theory* (2009). Aproveito para agradecer a Maria Elisa Cevalco por chamar atenção para essa questão há vários anos, na ocasião da disciplina FLM5209-1 – “Para uma crítica da cultura como mercadoria: a obra de Fredric Jameson” -, ministrada por ela entre 18/08/2003 a 30/11/2003 na Letras/USP – e que hoje me permite retomar o assunto em outras bases.

³⁰ Nas palavras do autor: “It is a truism that we suffer today not so much from a lack of information as from an inability to handle all the information which is offered to us...”. Richard Hoggart, “Some Notes on Aim and Method in University Tutorial Classes (From: *Adult Education*, XX, 4, June 1948, pp. 187-194). In: *Border Country...*, op. cit., p. 136.

sobretudo os trabalhadores, não conseguem comunicar-se entre si e produzir experiências em comum, no sentido de relações mútuas e ordinárias.³¹

A dificuldade de comunicação entre os homens, estranhamento da linguagem ou no uso de determinadas palavras, de certas palavras-chave, é, portanto, uma das expressões dessa crise, algo que, segundo Williams, se agravou após a Segunda Guerra. É nesse período que ele começa a trabalhar como tutor de adultos e a produzir programas de estudos e escritos sobre o tema das palavras-chave, tais como: comunicação, cultura, sociedade, comunidade etc. Trata-se de um grande esforço orientado para desenvolver uma nova linguagem³² entre os adultos trabalhadores, visando produzir uma nova sociedade, porque sociedade não é somente uma rede de arranjos políticos e econômicos, mas um processo de aprendizagem e comunicação.³³

Por isso, é preciso não apenas apresentar tais fatos ou criar métodos de ensino. Cabe iniciar um processo de investigação e discussão comum entre os adultos,³⁴ algo que as “palavras-chave” podem contribuir.

Observemos, então, mais de perto a questão das palavras-chave, visto como um recurso pedagógico num curso de seis semanas, ministrado por Williams no Kingsgate College, entre 1955 e 1956, intitulado “Language and Society”. Apresento as palavras-chave a serem estudadas no grupo de estudos de História: “culture”, “civilization”; “art”, “aesthetics”; “ladder-grade-class-degree-levels”; “standards”; “conscience”; “organic”; “values”; “liberal”; “human” e “pedant”. O curso era dirigido por vários professores,³⁵ responsáveis por diferentes temáticas – a de Williams era “Language in Public Affairs”. Os grupos de estudos eram divididos por áreas de conhecimento: crítica, sociologia, educação e o de história, já mencionado. Quanto ao recurso pedagógico das “palavras-

³¹ Raymond Williams, *Communications*, *op. cit.*, pp. 03-04.

³² Para uma definição de “linguagem”, conferir as análises de Williams em “Language”, *In: Marxism and Literature*, New York: Oxford University Press, 1977, pp. 21-44. Todavia, apenas para matizar o ponto, proponho uma rápida síntese: lendo Williams, a “língua” ou “linguagem” definem os seres humanos no mundo, isto é, trata-se de uma atividade constitutiva da própria humanidade. A linguagem é uma atividade social que perfaz a cultura.

³³ Nas palavras do autor: “What we call society is not only a network of political and economic arrangements, but also a process of learning and communication.” Raymond Williams, *Communications*, *op. cit.*, p. 11.

³⁴ Nas palavras do autor: “The object, in such teaching, was not only to present certain facts and methods of study, but also to start a process of independent inquiry and common discussion. Raymond Williams. *Communications*, *op. cit.*, p. 13.

³⁵ Cito alguns deles: J. H. Smith, Martin Harrison e T. A. Pritchard.

chave”, o objetivo, subentendo, era fazer uma espécie de mapeamento da sociedade.³⁶ Muitas dessas palavras vão compor, anos depois, o livro *Keywords*,³⁷ sendo que cada verbete vai funcionar como uma espécie de pontos-chave a partir dos quais um vocabulário de cultura e sociedade vai ser elaborado.

E por que é tão importante cuidar dos vocabulários e dos usos das palavras? Porque elas são comunicadas. Williams está demasiadamente atento aos processos comunicativos que perfazem a educação e as artes. Há toda uma preocupação com os processos de aprendizagem em sociedade.

Dentro disso, destaca-se a própria palavra “cultura”, cujo desenvolvimento, segundo ele, é o mais surpreendente em relação às outras palavras. Esse desenvolvimento da palavra é uma espécie de registro: estão refratadas na palavra cultura as inúmeras reações importantes e decisivas das mudanças em nossa vida social, econômica e política, do passado ao presente. Compreender essa e outras palavras é como encontrar uma constelação de experiências por onde podemos explorar a natureza das mudanças sociais rumo a uma sociedade mais democrática, educada e participativa, sintetiza Williams em seu ensaio “A cultura é algo comum” (1958).

Porque cultura, ou todo um modo de vida, é um “valor positivo” que pode ser aprendido e difundido dentro e fora da universidade. Isso vem acontecendo no interior da universidade inglesa, graças ao projeto de Frank Leavis (1895-1978) e seu grupo (Scrutiny), que “estavam estudando cultura popular, ficção popular, publicidade, jornais, e realizando análises produtivas nessas áreas”.³⁸ Extramuros, uma nova esquerda, apoiada pela Univerdade de Oxford e a Workers’ Education Association (WEA), tinha em Edward Thompson, Richard Hoggart e Raymond Williams, principalmente, o desejo de realizar

³⁶ Documento: OXFORD UNIVERSITY TUTORIAL CLASSE COMMITTEE and the WORKERS’ EDUCATIONAL ASSOCIATION (South-Eastern District). Course of six week-ends – Kingsgate College. Session 1955/56. Dates of Meetings: 29th and 30th October, 1955/26th and 27th November, 1955/10th and 11th December, 1955/7th and 8th January, 1956/11th and 12th February, 1956/17th and 18th March, 1956. Fonte: Richard Burton Archive – *this information for the purposes of private study and research only*.

³⁷ Raymond Williams. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.

³⁸ O projeto de Leavis não estava restrito à reforma do ensino universitário apenas internamente. Leavis e seu grupo também desejavam atuar fora da universidade, no ensino secundário (grammar schools), só que formando professores que tinham como objetivo “encontrar indivíduos excepcionais que poderiam, então, adentrar as universidades”. Raymond Williams, “O futuro dos estudos culturais”..., *op. cit.*, p. 175. Mais sobre as influências de Leavis sobre Williams e seu papel no desenvolvimento do ensino na Inglaterra, ver Raymond Williams, “Two Literary Critics... F. R. Leavis”, *op. cit.*, pp. 252-264.

uma “educação democrática majoritária” através da educação de adultos,³⁹ vista como um projeto coletivo, intelectual e político.⁴⁰

Portanto, se a palavra cultura pode ser aprendida, isso se deve ao fato de ela refratar mudanças históricas e carregar em sua estrutura de significados de tais acontecimentos. Compreender a palavra é compreender a história e seus processos complexos de pensamento, sentimento e ação. Mas Williams não está interessado apenas em distinguir significados das coisas, quer compreender sua origem e os nexos causais produzidos. A causalidade dos processos culturais é fundamental para Williams, ou seja, os nexos causais refratados nas palavras são decisivos para ele, pois testemunham as experiências gerais da sociedade.

Para reconhecermos tais nexos, ele propõe um estudo da literatura, da aprendizagem da literatura, porque “the experience of literature is thus a kind of training for general experience”.⁴¹ Se a experiência da literatura é uma espécie de treinamento para a experiência geral, então é preciso ensinar literatura para os homens e para as mulheres, sobretudo numa sociedade em constante mudança, imersa numa longa revolução. Em “Abandoning the Lecture: Discussion Method for the Adult Literature Class” (1950),⁴² Williams defende o método de ensino de literatura estendido à crítica sociológica para ser usado nas aulas para adultos e com o objetivo de dotar os estudantes com um instrumental crítico para perceber e discutir as mudanças sociais.

Essas mudanças fazem parte daquilo que ele compreende como uma longa revolução cultural, que requer processos de aprendizagem adequados para abarcá-la; em contrapartida, determinadas situações persistem contraditoriamente aos avanços dos meios técnicos, como a realidade de milhões de pessoas que não sabem nem ler, nem escrever, mesmo em países mais “avançados”. Expandir os meios de comunicação e educação a toda população, especialmente após a Segunda Guerra, tornou-se um desafio para sociedades em reconstrução e dotadas de anseios democráticos, como a inglesa.

A vitória do Partido Trabalhista em 1945 e, depois, em 1950, acenava para isso:

.... o governo trabalhista tinha uma escolha: ou a reconstrução de um campo cultural em termos capitalistas ou o financiamento de instituições para a

³⁹ Raymond Williams, “O futuro dos estudos culturais”..., *op. cit.*, pp. 174-176.

⁴⁰ A assertiva é de John Mcclroy, “The Unknown Raymond Williams”, *In: Border Country*, p. 17 – na edição em espanhol ver p. 49.

⁴¹ Raymond Williams, “Two Literary Critics”, *In: Culture and Society*, *op. cit.*, p. 249.

⁴² Ver na Listagem texto n. 9.

educação e a cultura popular que poderiam resistir às campanhas políticas da imprensa burguesa, que já ganhavam terreno.⁴³

Acabaram escolhendo prioridades capitalistas, comenta Williams, que decidiu pelo lado socialista e se engajar num movimento de educação de adultos. Ao lado de Clifford Collins, Wolf Mankowitz e outros, Williams dava início a um movimento que para ele duraria quinze anos, cujos frutos podem ser recolhidos naqueles textos supracitados, bem como em outras fontes, como um filme – sobre o qual não temos mais detalhes ainda –, e um periódico batizado de *Horizon*, para publicizar as ideias sobre a educação de adultos.⁴⁴

Para Williams, portanto, o mundo do pós-guerra é um mundo em reconstrução, o que não deixa de ser um mundo novo. E uma das novidades é um labirinto linguístico em que homens e mulheres adultos e trabalhadores não se encontram. Na “Introdução” do já citado *Keywords: A Vocabulary of Culture and Society* (1976), pensado originalmente como um “apêndice de *Culture and Society* (1958), Williams relata que, após a guerra, uma das marcas desse desencontro é o fato de as pessoas simplesmente não falarem a mesma língua, mesmo vivendo no mesmo país. Trata-se de um “mundo novo e estranho em torno de nós”, sendo que uma alternativa para esse estranhamento da linguagem é o ensino de literatura e a crítica sociológica, algo que Williams vai realizar como tutor de adultos de 1946 até 1961. Um ensaio de 1950 sinaliza para isso:

It is, as I have said, a method of teaching literature, but it can be extended at least to critical sociology. I have taken tutorial classes which spend their first session on the study of newspapers, advertisements, propaganda, magazine and best-seller fiction, films, broadcasting, and other features of contemporary civilization. Extracts are used in exactly the same way for discussion...⁴⁵

Tais “métodos de ensino” e os usos da literatura e da sociologia que Williams faz são necessários para engajar adultos trabalhadores num intenso processo de aprendizagem e desenvolvimento, haja vista que as diferentes características da civilização contemporânea precisam ser estudadas, ou melhor, compreendidas para depois serem transformadas, porque “what we genuinely understand we can do”.⁴⁶

Em *The Long Revolution*, publicado dez anos depois, no capítulo intitulado “Education and British Society”, Williams comenta que o mundo da educação é um

⁴³ Raymond Williams, “Politics and Letters”, *In: A Política e as Letras*, op. cit., p. 62.

⁴⁴ Essas informações foram extraídas de *A Política e as Letras*, op. cit., pp. 64-66.

⁴⁵ Raymond Williams. “Abandoning the Lecture: Discussion Method for the Adult Literature Class”, 1950 – fonte não identificada – na Listagem texto n. 9.

⁴⁶ Raymond Williams, *Culture and Society*, op. cit., p. 338.

universo de compreensão, de consciência e tomadas de decisão, partindo do reconhecimento de que existe uma relação orgânica entre cultura e organização prática, que envolve os sistemas de decisão (política) e manutenção (economia). As decisões educacionais têm uma relação orgânica com as decisões sociais envolvidas na organização prática, por isso, para discutirmos educação, devemos examinar, em termos históricos e analíticos, essa relação entre ensino e estrutura social. Tudo isso em um momento em que o mundo europeu sofreu uma grande mudança, em função da guerra, o que torna vital ter consciência desses processos e conseguir comunicá-los.

A história de uma linguagem é registro de esforços deste tipo, seja como parte central da vida das pessoas, seja como forma de organizar a sociedade: a linguagem encontra nas instituições políticas e econômicas da comunicação seu espaço de poder e atuação. Segundo Williams, certas atitudes, certas formas de governo, certos estilos de vida veem corporificados nas instituições de comunicação que tem um efeito social poderoso sobre todas as pessoas graças às “novas tecnologias da linguagem” dos meios de comunicação, sobretudo, a publicidade e a propaganda.⁴⁷ A crise na comunicação começa aí, quando certos usos da linguagem visam apenas a expansão em larga escala dos negócios e não das artes e dos aprendizados. Agora, se isso nos provoca alguma repulsa ou revolta, a sugestão de Williams é protestar, mas com uma condição: desde que tenhamos uma “versão alternativa” para o processo, caso contrário, a solução é nos engajarmos num intenso processo de compreensão, tendo em vista que só podemos fazer aquilo que compreendemos, conforme sugere Williams, vale repetir, nos momentos finais de *Culture and Society*.

E o processo de compreensão consiste em enfatizar que a comunicação é algo central e parte necessária de nossa humanidade, algo que precisa ser efetivado, começando por elevá-la ao mesmo patamar de importância que a “propriedade, produção e o comércio”. Temos que resolver “a equação entre a educação popular e a nova cultura comercial”, tendo em vista que o progresso de nossa sociedade depende também da combinação entre educação e os meios de comunicação.⁴⁸

⁴⁷ Sobre as novas tecnologias da linguagem, conferir Raymond Williams. “Literature”, In: *Marxism and Literature*, op. cit., pp. 53-54.

⁴⁸ Raymond Williams, *Communications*, op. cit., pp. 10-11.

“Acredito que o problema central de nossa sociedade, nos próximos cinquenta anos, é o uso de nossos recursos para construir uma cultura em comum”.⁴⁹ Mas para que isso seja uma “realidade” ou “experiência”, conclui Williams, é preciso aprender para depois poder começar a alterar as diferentes formas e instituições de comunicação. Isso é necessário para ultrapassar a moldura dos negócios que envolvem os processos comunicativos, transformando-os em um processo educativo, logo, mais humano, ordinário ou comum: “A educação é a confirmação dos significados comuns de uma sociedade e das habilidades necessárias para corrigi-los”.⁵⁰ O que está no horizonte de Williams não é a educação formal superior, mas a educação do tipo “humanística”,⁵¹ como a que está sendo desenvolvida na educação de adultos, podemos sugerir. Essa é uma das armas contra a crise de compreensão. Mas não como uma panaceia, antes como uma necessidade e uma nova realidade.

Se houve no século XIX a reorganização da aprendizagem por conta de uma sociedade radicalmente modificada em razão da indústria e da democracia, algo que vai culminar na lei de educação de 1870, no século XX, no pós-guerra, Williams parece assistir a uma nova reorganização do ensino graças à educação de adultos.⁵²

Educação de Adultos

Em um artigo intitulado “Going on Learning”, publicado no periódico *New Statesman*, em 10 de maio de 1959,⁵³ Williams comenta que, depois da Guerra, a educação

⁴⁹ Raymond Williams, “A cultura é algo comum”, *In: Recursos da esperança, op. cit.*, p. 15.

⁵⁰ Raymond Williams, “A cultura é algo comum”, *In: Recursos da esperança, op. cit.*, p. 22.

⁵¹ Nas palavras do autor: “E não penso apenas em mais tecnologia, a ideia é uma educação humanística para todos em nossa sociedade...”. Raymond Williams, “A cultura é algo comum”, *In: Recursos da esperança, op. cit.*, p. 23.

⁵² É importante lembrar que 1949 foi um ano decisivo para a educação de adultos na Inglaterra e no mundo. Nesse ano ocorreu a Primeira Conferência Internacional de Educação de Adultos, em Elsinore, na Dinamarca. O evento intitulado “International People’s College of Elsinore”, reuniu 106 delegados representando 27 países e 21 organizações, sendo que o impulso inicial foi uma reunião sob a direção da UNESCO, batizada de “ato constitutivo”, que aconteceu em Londres, em 1945, seguida de duas outras conferências gerais, uma na Cidade do México, em 1947, outra em Beirute, 1948. Hoje as conferências mundiais sobre a educação de adultos são chamadas de CONFINTEAs (Conférence Internationale sur l’Education des Adultes), sendo que a última aconteceu em 2009, no Brasil. Mais sobre o tema ver Timothy Denis Treland e Carlos Humberto Spezia (org.). *Educação de adultos em retrospectiva 60 anos Confinteas*. Brasília: UNESCO, MEC, 2012.

⁵³ Na Listagem texto n. 8. Este ensaio pode ser encontrado no capítulo 4 do livro de John MacLrory and Sallie Westewood. *Border Country: Raymond Williams in Adult Education, op. cit.*, pp. 218-221. Há uma reprodução do livro bastante irregular e disponível on-line em: https://archive.org/stream/ERIC_ED358300/ERIC_ED358300_djvu.txt; Acesso em Julho/2017.

de adultos aumentou demasiadamente, tornando-se uma realidade com a qual os ingleses precisavam lidar. No texto, ele discute três pontos: a natureza dessa expansão; o problema da educação dos trabalhadores; e a relação entre educação de adultos e os meios técnicos de comunicação, como a televisão, provocando a formação de uma nova audiência.⁵⁴ A chave para compreendermos esse processo é a educação de adultos, sendo que o desenvolvimento desse tipo de educação é devedor, segundo Williams, da expansão da própria classe média inglesa que ocorreu após a Segunda Guerra e da ação da universidade em projetos de extensão em parceria com as associações filantrópicas, como a WEA.

Sobre a classe média inglesa, vou me abster de fazer essa discussão agora e indicar que existe um capítulo inteiro em *The Long Revolution* sobre o assunto. A respeito da ação da universidade extramuros, é importante destacar, em passos rápidos, que apesar de Williams valorizar e participar de tais ações, partindo de dentro para fora da universidade, sua visão não deixa de ser bastante crítica do processo, uma vez que, para ele, existe um equívoco universitário em acreditar que a educação de adultos pode ser equivalente à educação universitária, tentando persuadir trabalhadores a permanecerem nas salas de aula e laboratórios durante várias horas, semanas, anos e praticar um currículo escolar com horas de leitura, cálculos e testes variados. Sobre os adultos, comenta em “Three years hard: a comment on Tutorial Class” (s/d), a persuasão e as práticas de ensino devem ser outras, daí a necessidade de a universidade pensar a educação de adultos não como uma extensão universitária, que reproduz a lógica acadêmica, com suas regras e seu currículo, mas criar um outro projeto educacional: “I have nothing against undergraduates; they are a proper and necessary class of persons. But is it not rather absurd that it should be an ideal of *adult* education to imitate the conditions of the undergraduate”. A proposta é de ultrapassar a extensão universitária e construir um novo projeto democrático educacional: “I am sure this approach is right, for the working class, in spite of the Welfare State, is still socially alienated, to a marked degree by comparison with other groups”.⁵⁵

Essa alienação social dos trabalhadores, a despeito do Estado do Bem-estar social, de que está tratando Williams acima, é um fenômeno complexo e difícil de ser superado, posto que apesar das garantias sociais conquistadas, isso não impediu de emergir, entre outras coisas, o estranhamento humano, outra expressão da crise de compreensão de que

⁵⁴ Ainda sobre a televisão ver, do autor, *Television* (1974).

⁵⁵ Raymond Williams. “Going on Learning”. In: *New Statesman*, 10 de maio de 1959.

estamos falando. A crítica, a tomada de consciência, será algo fundamental num mundo em que a crise é de reconhecimento, cabendo aos futuros professores universitários o legado de atuar extramuros para colaborar na comunicação (transmissão, recepção e resposta)⁵⁶ de novos conhecimentos e restabelecimento de relações mútuas e comuns.

Como vemos, a educação de adultos aparece como uma alternativa à sociedade do consumo e de massa do pós-guerra. É um apelo genuíno de Williams, que se assemelha a outras vozes do período, como a de Theodor Adorno, quando discute a importância de construirmos sujeitos autônomos através da educação emancipatória. Adorno expôs o assunto num programa de rádio alemão em 1969,⁵⁷ pouco depois de Williams já ter apresentado a educação e participação democrática como alternativa às crises humanas do pós-guerra. Podemos citar, pelo menos, dois ensaios de Williams sobre o assunto: o primeiro, intitulado “An Educated Democracy”,⁵⁸ encontrado junto aos trabalhos da juventude, e o segundo, escrito na maturidade, “A ideia de uma cultura comum” (1968),⁵⁹ partem do mesmo anseio: criar uma cultura em comum, ao mesmo tempo educada, democrática e participativa, porque “aprender é uma experiência comum”.⁶⁰ E uma cultura em comum requer uma linguagem em comum, uma comunidade de experiência.

Eis, portanto, o que Williams deseja para os homens e mulheres de uma Inglaterra “vitoriosa” na guerra, mas que reconhece como derrotada, segundo vimos na assertiva que abre este texto: a experiência da derrota não diminui o valor da luta.

Vencidos e “determinados”

Todos os trabalhadores são, para Williams, vencidos. Vencidos pela ganância daqueles que comandam a sociedade capitalista e pelo desejo de consumo desenfreado que se multiplicava naqueles dias. Mas aos vencidos parece existir uma alternativa: a educação de adultos. Porque a educação confirma os significados comuns de uma sociedade e fornece aos adultos trabalhadores as habilidades necessárias para realizarem suas tarefas e

⁵⁶ Raymond Williams, *Communications*, *op. cit.*, p. 9.

⁵⁷ Debate na Rádio de Hessen; transmitido em 13 de agosto de 1969. Ver Theodor Adorno. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

⁵⁸ Na Listagem texto n. 10.

⁵⁹ Intitulado, originalmente, “Cultura e revolução: um comentário”. Ver Raymond Williams, *Recursos da Esperança*, *op. cit.*, p. VII.

⁶⁰ Raymond Williams. “A cultura é algo comum”. *In: Recursos...*, *op. cit.*, p. 6.

terem conhecimento de que o mundo não é uma “firma”, mas um lugar em que as pessoas comuns podem governar, trabalhar e viver.⁶¹

“[...] neither the system dominates nor the learning transforms; people change and are changed”,⁶² comenta Williams numa das passagens de *The Long Revolution*. A assertiva é polêmica e não tenho elementos ainda para aprofundá-la aqui, importando dizer que não se trata de um desprezo de Williams pela educação ou uma subestimação da força dos sistemas de dominação. Ao contrário, ele reconhece sua influência, poder e eficácia, mas ao dizer que nem o sistema domina, nem a aprendizagem transforma, tem a expectativa de que nem todas as coisas estão determinadas para sempre, mas são historicamente condicionadas. Depende das circunstâncias de cada época, das conjunturas sociais adversas e de cada sujeito envolvido nelas. Esse é um “recurso de esperança” que Williams possui: a expectativa de que os indivíduos possam agir e fazer algo frente às condições sociais estabelecidas em determinados momentos, graças aos seus vínculos e experiências em comum.

Não é à toa que lendo Williams desejamos, como outros já fizeram, compará-lo a Paulo Freire. A *Pedagogia da Autonomia* (1996) nos vem à lembrança quando reconhecemos esse raciocínio de Williams sobre as pessoas estarem condicionadas, mas não determinadas.⁶³ Não vem ao caso comparar os autores, separados por décadas e situações históricas radicalmente opostas, mas, assim como sugeri na passagem dedicada a Adorno e à educação e emancipação, indicar que existem outras vozes no período acreditando que o desenvolvimento de uma sociedade democrática passa pela educação dos adultos, tais como, a de Edward Thompson e Richard Hoggart. Sobre esses intelectuais, não se trata de estudá-los e compará-los aqui, mas ressaltar seu engajamento na educação de adultos, como um projeto intelectual que combina cultura e educação como forças democráticas de uma nova sociedade em construção naquela época.

Faço essa afirmação, pensando na seguinte questão: como um sobrevivente da guerra, a despeito de estar do lado dos vitoriosos e não se tratar de uma vítima, concluiu que com a derrota do nacional-socialismo na Alemanha, Itália e Rússia, era preciso

⁶¹ Raymond Williams. “A cultura é algo comum”. In: *Recursos...*, op. cit., p. 22 e p. 28.

⁶² Raymond Williams. “Images of Society”. In: *The Long Revolution*, op. cit., p. 148.

⁶³ Cf. Paulo Freire. “Primeiras palavras”. In: *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 30ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 19.

construir uma nova sociedade, um novo sistema de valores, uma nova cultura, outra comunidade de experiências?

Degradação humana, confusão na linguagem e desenvolvimento tecnológico resumem os feitos da guerra: destruição em larga escala, dificuldades de comunicação, a despeito dos incrementos dos meios técnicos - rádio, televisão, jornais e outros veículos de comunicação - que se aperfeiçoaram e se expandiram de maneira nunca vista, como o cinema. A combinação desses fatores produziu um novo mundo, mas incomunicável, incompreensível.

Embora a Inglaterra tenha saído vitoriosa da guerra e Williams tenha sobrevivido a uma das maiores tragédias do século XX, fruto dos regimes totalitários europeus, o mundo dos sobreviventes é um lugar estranho em que uma das maiores dificuldades consiste nas condições da comunicação.⁶⁴ Essa é uma das derrotas do pós-guerra: o avanço tecnológico dos meios de comunicação não conseguem suplantar o desencontro linguístico entre os homens, pois “as pessoas simplesmente não falam a mesma língua”,⁶⁵ porque elas não têm mais experiências em comum. Temos, portanto, que enfatizar o caminho comum, porque “a ignorância de qualquer ser humano me diminui, e a habilitação de todo ser humano é um ganho comum de horizontes”, conclui Williams.⁶⁶

E para existir uma comunidade de experiências é preciso comunicar coisas em comum, ordinárias, ainda que de maneira diferente. Há um bom exemplo disso num dos ensaios de Williams: em 1958, depois de descrever uma viagem de ônibus que o fez percorrer a região onde nasceu (Pandy, no País de Gales), Williams, entregue às emoções que as memórias da infância apresentam, recorda as lutas pessoais e trabalhistas que seu avô e seu pai viveram, terminando por dizer que ele pensa e sente a mesma coisa que seus ancestrais, embora comunique isso numa linguagem diferente.⁶⁷ Williams, consciente dessa “comunidade cognoscível”, nos apresenta uma experiência prolongada de vida, algo que ultrapassa a simples vida cotidiana e alcança os pensamentos e emoções mais

⁶⁴ Alguns anos depois (1986), outro sobrevivente e vítima da Segunda Guerra, Primo Levi, também narrou as dificuldades de comunicação entre as pessoas durante e depois dos campos de extermínio. O quarto capítulo de *Os afogados e os sobreviventes*, intitulado “Comunicar” nos dá uma demonstração do turbilhão da incomunicabilidade antes e depois do Holocausto. Primo Levi. “Comunicar”. In: *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016, p. 71.

⁶⁵ Raymond Williams. “Introdução”. In: *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade, op. cit.*, 2007, p. 27.

⁶⁶ Raymond Williams. “A cultura é algo comum”. In: *Recursos...*, *op. cit.*, p. 23.

⁶⁷ Ver Raymond Williams. “A cultura é algo comum”. In: *Recursos...*, *op. cit.*, p. 5.

profundos e que podem ser compartilhados por diferentes sujeitos, formando uma comunidade.

Mas nem sempre isso é uma realidade, porque em certos momentos não temos consciência de que possuímos esse quinhão de humanidade ou simplesmente nos falta disposição para comunicá-lo. A guerra produz homens, mulheres e crianças sobreviventes, mas cindidos, sem autonomia e unidade. Talvez tenha sido por isso que um dos sobreviventes da Segunda Guerra disse: “... liberto, mas não redimido”.⁶⁸ Os sobreviventes seguem suspensos ou impossibilitados de construir uma comunidade de experiências, uma comunidade cognoscível. Sintetizando essa ideia, Williams lembra em *The Country and the City* (1973)⁶⁹ que o problema da comunidade cognoscível é sempre um problema de linguagem.

Reitero que a história de uma linguagem é o registro de um esforço desse tipo: construir experiências em comum, no sentido de ordinárias, mas também recíprocas, no sentido de relações mútuas. Sendo importante enfatizar isso, uma vez que propriedade, produção e comércio sempre nos governaram reforçando tais princípios, isto é, de que os contratos sociais, as leis, os juros etc., insistem em levar em consideração interesses e vontades que são comuns. Em contraposição, em outras atividades, como a aprendizagem e as artes, pouco se valoriza os traços em comum, como a busca por melhores meios e formas de comunicação e educação e suas capacidades de governo, de autoridade ou de exercício de poder. Poder, que para Williams é a disposição de um homem governar outro homem, postulado que identificamos sempre na vida política e econômica, não nas artes e na educação. Mas cultura, que inclui as artes, a educação, a política e a economia, é poder. Nós a vivenciamos através das experiências artísticas, dos aprendizados, mas também através dos negócios e das tomadas de decisão.

Mas de que cultura estamos falando? De uma cultura em comum? A resposta é não. Se estivéssemos vivendo uma cultura em comum, sentiríamos maior coesão à nossa sociedade e reconheceríamos que a nação não é uma firma.⁷⁰ A nossa atual cultura é

⁶⁸ Primo Levi. *A trégua*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p. 31.

⁶⁹ Ver Raymond Williams. “Comunidades Cognoscíveis”. In: *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*, op. cit., 2000, p. 236.

⁷⁰ Ver Raymond Williams, “A cultura é algo comum”, In: *Recursos de esperança*, op. cit., p. 22.

“sintética”,⁷¹ que é expressão da “organização de nossa cultura de massas atual... firmemente entrelaçada com a organização da sociedade capitalista”.⁷²

Mas, frente a tais dilemas e desafios, o que podemos fazer? “Retirar essa pedra fundamental, se pergunta Williams?” A resposta, mais uma vez, é “não”. Em seu horizonte não vislumbramos nenhum desejo de ruptura, mas o de resolver os problemas que surgiram no pós-guerra, começando por reconhecer e compreender quais são as sementes de vida e de morte desse processo. Nos últimos momentos de *Culture and Society*, Williams afirma que essa é a medida para o futuro. Mas enquanto não o alcançamos, ele acredita que algo pode transformar nosso presente: a democracia.

Quem então acreditaria na democracia? A resposta é bem simples: as milhões de pessoas na Inglaterra que ainda não tem acesso à democracia, onde trabalham e vivem. Como sempre, há uma energia transformadora e o negócio do intelectual socialista é o que sempre foi: atacar as travas da energia – nas relações industriais, na administração públicas, na educação, para começar; e trabalhar para o seu próprio campo para que essa energia, como dissemos, possa ser concentrada e fertilizada.⁷³

Parto da proposição que Williams está encontrando força para gerar essa nova energia democrática nos projetos coletivos, políticos e intelectuais que vem desenvolvendo desde 1946, como a educação de adultos, e também através da nova esquerda, do partido socialista, do sindicato etc., e em tantos outros acontecimentos importantes em sua vida, mas que não tivemos espaço para arrolar aqui.

“Os meios técnicos são difíceis o bastante, mas a maior dificuldade é aceitar, profundamente em nossas concepções, os valores de que eles dependem: que as pessoas comuns possam governar; que a cultura e educação são questões comuns, ordinárias”.⁷⁴ Portanto, nossa cota de humanidade se constrói a partir dessa cultura em comum, sendo que essa se resume em nossa luta pelo aprendizado, descrição, compreensão e educação.⁷⁵ Uma luta que não começou hoje, no mundo do pós-guerra, nem séculos atrás, em meio a duas grandes revoluções setecentistas. Desde as origens, a luta social é pela realização da cultura, como um modo de vida que é continuamente formado e modificado pelos homens

⁷¹ Cf. Raymond Williams, *Communications*, *op. cit.*, p. 26.

⁷² Raymond Williams, “A cultura é algo comum”, *In: Recursos da esperança*, *op. cit.*, p. 26.

⁷³ Raymond Williams, “A cultura é algo comum”, *In: Recursos da esperança*, *op. cit.*, p. 27.

⁷⁴ Raymond Williams, “A cultura é algo comum”, *In: Recursos da esperança*, *op. cit.*, pp. 27-28.

⁷⁵ Durante todo este parágrafo a referência é *Britain... Communications*, *op. cit.*, pp. 03-11. É importante dizer que Williams distingue aprendizado de educação, porque educação pressupõe a formação escolar, enquanto aprendizado é a formação pela “escola da vida”, como costumava caracterizar Edward Thompson, “Educação e experiência”, *op. cit.*, p. 40.

e suas organizações traduzidas na forma de comércio, controle político, aprendizagem, arte e comunicação. Essa luta se refrata na estrutura de sentimento de cada época.⁷⁶

Estrutura de sentimento

O que pretendi com esse último tópico foi chamar atenção para o modo de vida ou a estrutura de sentimento na qual Williams está inserido após a guerra. Dentre todos esses processos, vemos o autor fortemente inclinado a pensar o problema da comunicação, inscrito sob a insígnia de crítica e crise no movimento de educação de adultos.

Essa é a “estrutura de sentimento” de que falava Williams. Termo esse em destaque que já gerou inúmeros debates e formulações entre seus estudiosos, provocando intérpretes do autor, como Beatriz Sarlo, a se indagar sobre seus usos, chegando a dizer que “é uma noção quase tão inapreensível quanto o que busca definir-se por intermédio dela”.⁷⁷ Lendo Williams através de Sarlo, vemos que esse “oximoro” é bastante difícil de compreender, mas não impossível. Reconhecemos no empreendimento analítico de Sarlo, assim como no de Maria Elisa Cevalco ou no de Paul Filmer, quanto o termo “estrutura de sentimento” frutificou e engendrou novos estudos, novas interpretações. De minha parte, e a partir do que aprendemos com esses, é possível reconhecer na própria obra Williams alguma definição para o termo estrutura de sentimento. Refiro-me ao capítulo intitulado “The analyse of culture”, de *The Long Revolution* (1961), e ao ensaio “A cultura é algo comum” (1958), publicado no póstumo *Recorces of Hope* (1989). Em *The Long Revolution*, por exemplo, Williams diz que estrutura de sentimento é a cultura de um período;⁷⁸ e em *Recorces of Hope*, ele define cultura como aquilo que é “comum a todos”.⁷⁹

Longe de querer simplificar ou menosprezar importantes postulados edificados por grandes intérpretes, considero que é necessário avançar e tentar acrescentar outra nota à discussão: estrutura de sentimento não foi um termo originalmente criado por Williams,

⁷⁶ Após a Segunda Guerra, Williams não se envolveu apenas com a educação de adultos: ao rever sua posição política, acabou rompendo com o Partido Comunista, o que culminou numa intensa retomada de seus ideais socialistas herdados da infância, mas retrabalhados em Cambridge, graças às novas trocas políticas e intelectuais que o universo acadêmico proporcionava. Guerra, política, infância, Cambridge etc. são capítulos importantes da juventude de Williams que não temos espaço para recuperar agora, mas o leitor pode encontrar lastro disso em *A Política e as Letras*, *op. cit.*, pp. 05-86.

⁷⁷ Beatriz Sarlo, “Raymond Williams”, *In: Paisagens imaginárias: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação*. São Paulo: Edusp, 2005, p. 90.

⁷⁸ “... structure of feeling is the culture of a period”. Raymond Williams, *The Long Revolution*, *op. cit.*, p. 69.

⁷⁹ Raymond Williams, “A cultura é algo comum”, *In: Recursos da Esperança*, *op. cit.*, p. 5.

pelo menos não foi o autor galês o primeiro estudioso de sociologia da literatura a fazer uso deste. Diante disso, é preciso dialogar com Beatriz Sarlo, mais uma vez, visto que as explicações apresentadas sobre o termo carecem, senão de outras mediações, pelo menos de outras fontes: “Creio, no entanto, que *estrutura de sentimento* é um conceito-chave na obra de Williams e possivelmente um de seus aspectos mais reveladores...”. E mais adiante acrescenta: “... a estrutura de sentimento foi... uma pedra de toque de sua teoria cultural”.⁸⁰ Na verdade, podemos sugerir que estrutura de sentimento não é um conceito-chave, mas um termo-chave que compõe o seu grande empreendimento conceitual, o de cultura, enquanto o aspecto revelador, querendo enfatizar sua própria expressão, fica por conta da autoria do termo “estrutura de sentimento”: até que se encontre outra fonte, parece-me que Levin Ludwig Schücking (1878-1964) foi um dos que usou “structure of feeling” em uma de suas obras para explicar a cultura de uma época. Aproximadamente três décadas antes, em 1929, ao redigir e publicar em inglês *The Puritan Family*, Schücking nos apresentou, pela primeira vez, que as características, ideias, sentimentos e hábitos, ou porque não a cultura, da família puritana, fazia parte de uma “básica estrutura de sentimento”.⁸¹ Autor consagrado pelo livro *Die Soziologie der literarischen Geschmacksbildung* (1931) [*A Sociologia da Formação do Gosto Literário*], o sociólogo alemão que foi referência para importantes intérpretes da sociologia e da literatura, como Pierre Bourdieu (1970), Jürgen Habermas (1962), Antonio Candido (1965), entre outros, hoje é pouco revisitado.⁸²

Como vemos, estrutura de sentimento ou a cultura de um período é algo ordinário, todo um modo de vida ou significados comuns que são conhecidos ou que precisam ser

⁸⁰ Beatriz Sarlo, “Raymond Williams”..., *op. cit.*, pp. 91-92.

⁸¹ Nas palavras do autor: “Whoever seeks to determine the national character of a people is likely to find himself on treacherous ground. He is bound to be dependent on apparently fortuitous experiences... Our present task is to examine the peculiar characteristics of the English and the special circumstances from which these derive... I speak of the way the English regard emotion, na attitude that is evidente in a certain economy of words. The vocabulary used for the ordinary purposes of daily life is indeed astonishingly small, a fact that is in keeping with the cult of a marked reserve... Such an attitude admittedly implies na exceptional sense of duty, it implies constant self-examination, sincerity and, at the very least, a quite unusual measure of self-awareness... This same quality of self-knowledge and self-awareness has yet a further part to play. Allied as it with an active self-criticism, a habit by no mean incompatible with that sense of one’s own worth which in the present instance has become part of the basic *structure of feeling*...”. Levin L. Schücking, *The Puritan Family: A Social Study from the Literary Sources*, London: Routledge & Kegan Paul, 1969, pp. 01-02 – *grifos meus*. Mais sobre Schücking e Williams encontra-se em desenvolvimento dentro do Auxílio à Pesquisa FAPESP (processo nº 17/02063-0) na parte dos estudos dedicados às fontes do autor galês.

⁸² Respectivamente, ver *A economia das trocas simbólicas*, São Paulo: Perspectiva, 1998; Jürgen Habermas, *Mudança estrutural da esfera pública*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003; *Literatura e Sociedade*, São Paulo: Publifolha, 2000.

aprendidos, como parte básica de uma estrutura de sentimento, parafraseando Williams, “leitor” de Levin Schücking.

Aprender, porque os adultos passaram a viver em uma sociedade em processo de constante mudança e um tanto violenta e confusa. Observa-se que as formas culturais, graças à circulação de jornais e programas de rádio e televisão, se modificaram de todas as maneiras diante de novos leitores e telespectadores, todavia, os processos de “transmissão, recepção e resposta” não se deram de forma efetiva, pois as condições de acesso à cultura escrita ou midiática permaneceram desiguais. O que significa que a organização da comunicação no pós-guerra foi feita para lucrar e não para ser útil – no sentido de utilidade, que pressupõe, para Williams, cooperação, algo contrário ao sentido de consumo.⁸³ E quanto mais se expandiram os métodos e atitudes dentro do mundo dos negócios da publicidade e propaganda, mais se desenvolveram os meios de comunicação. A síntese aparece em tom de contradição: democracia e propriedade dos meios de comunicação se desenvolveram juntas e promoveram tanto a expansão genuína para o desenvolvimento da comunicação humana quanto o lucro de grandes empresas de publicidade.⁸⁴ Os dois maiores processos culturais do pós-guerra aconteceram juntos e se resumiram na expansão dos setores populares e na ênfase no mercado consumidor através das grandes massas de audiências. Estes eventos são ao mesmo tempo consequência, de um lado, do desenvolvimento da democracia inglesa, de outro, da expansão da propriedade, formando uma nova cultura, só que “sintética”, isto é, planejada para uma venda rápida e descartável para as massas.⁸⁵

⁸³ O assunto se desenrola em “Britain in the 1960s”, *In: The Long Revolution, op. cit.*, pp. 337-350.

⁸⁴ Ver Raymond Williams, *Britain... Communications, op. cit.*, p. 23.

⁸⁵ Ver Raymond Williams, *Britain... Communications, op. cit.*, pp. 25-26. Sobre as fontes que possam ter fornecido matéria para Williams discutir os processos de comunicação - como os jornais, revistas, livros, programas de televisão etc., que aparecem referenciados em obras como *The Long Revolution* ou *Communications* -, destaca-se outros documentos e referências bibliográficas, como as que encontrei numa das bibliotecas de Nottingham Trent University, que reúnem parte do acervo de Williams, contendo 179 livros. Entre eles, cito duas referências que abordam, guardadas as proporções, o complexo universo dos processos comunicativos, relativo à questão das massas e do gosto. Trata-se do livro de Herbert L. Schiller, *Mass Communications and American Empire (Critical Studies in Communication and in the Cultural Industries)*, Bolder-EUA: Westview Press, 1969; e de Pierre Bourdieu, *La distinction: critique sociale du jugement*, Paris: Les éditions de Minuit, 1979. Diga-se de passagem, ambos os autores dedicaram os seus respectivos livros a Williams, merecendo destaque a dedicatória que fez Bourdieu: “For Raymond Williams, with warmist regards, to strengthen the French connections”. Sobre esse exórdio, devo dizer que não encontrei qualquer resposta de Williams, nem anotações no livro de Bourdieu, o que poderia ser um indício de prática de leitura. Isso significa que ainda ficará em aberto as conexões entre os dois autores, a despeito dos esforços de alguns estudiosos do assunto que tentam aproximá-los, mas sem ter em vista evidências empíricas.

Apenas para matizar o ponto, repasso uma questão central sobre a discussão das massas: no século XIX não podemos falar em um público de “massa”, mas no século XX sim, pois se trata de uma nova realidade. Claro que esse processo foi lento, pois a leitura mais popular, o jornal diário, começou a produzir um público de massa e um novo gosto somente após Primeira Guerra Mundial. Foi no período entre guerras que o verdadeiro início de expansão da imprensa diária se deu entre a classe trabalhadora, sendo que a expansão plena da imprensa diária, até alcançar a totalidade do público leitor massificado, se produziu somente na Segunda Guerra. Sem esquecer de mencionar que a imprensa dominical foi a que mais cresceu em todos os anos: na síntese de Williams a verdadeira imprensa popular se efetivou através dos periódicos dominicais entre 1910 e 1947 e nos jornais diários entre 1920 e 1947, conforme lemos em *The Long Revolution*.⁸⁶

Neste mesmo livro,⁸⁷ ele nos encoraja com a seguinte assertiva: se pretendemos que nosso pensamento seja relevante, necessitamos de uma pressão contínua, pois uma democracia educada e participativa é uma complexa reflexão entre ideias abstratas e relações concretas, materializadas de muitas maneiras e constantemente mudadas em muitos aspectos. São mudanças desse tipo que desafiam todos os adultos trabalhadores em sociedade, sendo que por meio da educação pode-se aprofundar e refinar a capacidade de dar respostas significativas a essas mudanças.

No curso “Language and Society”, já destacado, o tema da imprensa é uma constante, sobretudo o papel das propagandas. O convite é para os adultos aprenderem as novas linguagens e construir novas formas de pensamento que resultem em ação: os métodos para isso são ensino de literatura e crítica sociológica para adultos, conforme vimos no ensaio de 1950.⁸⁸ Cabe à educação descobrir, ensinar e discutir essas mudanças, oferecendo base para um pensamento crítico em um mundo em crise, isto é, em constante processo de transformação, necessidade de engajamento e dificuldades de compreensão.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
 ALTAMIRANO, Carlos e SARLO, Beatriz. *Conceptos de sociología literaria*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1980.

⁸⁶ Ver Raymond Williams. “The Growth of the Popular Press”. In: *The Long Revolution*, op. cit., pp. 206-211.

⁸⁷ Raymond Williams “Images of Society”, In: *The Long Revolution*, op. cit., p. 127.

⁸⁸ Na Listagem, texto n. 9.

- APPLE, Michael W. "Raymond Williams and Root of Critical Cultural Studies in Education: Na Essay Review". In: *Education Review*. Vol. 11, n. 6. 2008, September 17. Disponível em: <http://edrev.asu.edu/essas/v11n6index.html>; acesso em Janeiro 2017.
- ARAÚJO Sônia Maria da Silva e MOTA NETO, João Colares de. "Raymond Williams e a produção do conhecimento em educação". In: *Educação & Linguagem*, vol. 15, n. 26, jul.dez/2012.
- BOURDIEU, Pierre Bourdieu, *La distinction: critique sociale du jugement*, Paris: Les éditions de Minuit, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*, São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BURKE, Peter. "Um novo paradigma". In: *O que é história cultural?* 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CEVASCO, Maria Elisa Burgos Pereira da Silva, "Momentos da crítica cultural materialista". In: *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, número 12, janeiro-junho/2005.
- CEVASCO, Maria Elisa Burgos Pereira da Silva. "Sociologia de la Literatura". In: Carlos Altamirano (Org.). *Terminos Criticos de Sociologia de la Cultura*. Buenos Aires: Paidós, 2002, v. 1, p. 161-169.
- CEVASCO, Maria Elisa Burgos Pereira da Silva. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CEVASCO, Maria Elisa Burgos Pereira da Silva. "Dois críticos literários", in: ABDALA JUNIOR, Benjamin (Org.), *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004, pp. 144-145.
- CUNHA, Raquel Cantarelli Vieira da. *Os Conceitos de Cultura e Comunicação em Raymond Williams*. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Universidade de Brasília, 2010.
- EAGLETON, Terry. *A função da crítica*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- EAGLETON, Terry. *Raymond Williams*. Boston: Northwestern University Press, 1989.
- ELDRIDGE, John e ELDRIDGE, Lizzie. *Raymond Williams: making connections*. London: Routledge, 1994.
- FREIRE, Paulo. "Primeiras palavras". In: *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 30ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- GRAMSCI, Antonio. "Volume 2: Os intelectuais; O princípio educativo; Jornalismo". In: *Cadernos do Cárcere*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- HIGGINS, J. *Raymond Williams: Literature, Marxism and Cultural Materialism*. London: Rotledge, 1999.
- INGLIS, FRED. *Raymond Williams*. London and NY: Routledge, 1995.
- LEVI, Primo. *A trégua*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- MACLLRORY, John and WESTWOOD, Sallie. *Border Country: Raymond Williams in Adult Education*. England and Wales: National Institute of Adult Continuing Education, 1993.
- MACLLRORY, John y WESTWOOD, Sallie. *En la frontera: Raymond Williams en la Educación Y Formación de Personas Adultas*. Xátiva: L'Ullal, 2004.
- MORAES, Carmem Sylvia Vidigal. "Educação permanente: direito de cidadania, responsabilidade do Estado". In: *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 4 n. 2, p. 395-416, 2006.
- PONTES, Heloísa. "Círculos de intelectuais e experiência social". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v.12, n.34, junho 1997.

- PONTES, Heloísa. *Destinos mistos: os críticos do grupo Clima em São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RIDENTI, Marcelo. “Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960”. In: *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, vol. 17, n. 1, junho de 2005.
- RIVETTI, Ugo Rivetti. *Crítica e modernidade em Raymond Williams*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade de São Paulo, 2016.
- SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação*. São Paulo: Edusp, 2005.
- SCHILLER, Herbert L. *Mass Communications and American Empire (Critical Studies in Communication and in the Cultural Industries)*, Bolder-EUA: Westview Press, 1969.
- SCHÜCKING, Levin L. *The Puritan Family: A Social Study from the Literary Sources*, London: Routledge & Kegan Paul, 1969.
- TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. “Pensando a História da Educação com Raymond Williams”. In: *Educação e realidade*. v. 39, n. 1, 2014.
- THOMPSON, Edward. “Educação e experiência”. In: *Os românticos*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002.
- WILLIAMS, Raymond. *Border Country*. London: London: Chatto & Windus, 1960.
- WILLIAMS, Raymond. *Communications*. Harmondsworth, England: Penguin, 1966.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxism and Literature*. Oxford – New York: Oxford University Press, 1977.
- WILLIAMS, Raymond. *Culture and Society: 1780-1950*. New York: Columbia University Press, 1983.
- WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. 2ª reimpr. São Paulo: Companhias das Letras, 2000.
- WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- WILLIAMS, Raymond. *The Long Revolution*. Wales: Parthian, 2011.
- WILLIAMS, Raymond. *Política do Modernismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- WILLIAMS, Raymond. *A Política e as Letras*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- WILLIAMS, Raymond. *Lectura y crítica*. 1ª ed. Buenos Aires: EGodot Argentina, 2013.
- WILLIAMS, Raymond. *Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.